

Usando ações musicológicas para reconhecer as conexões da musicologia global de Daniel K. L. Chua

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Musicologia

Renato Pereira Torres Borges
renatoptborges@gmail.com

Resumo. Nos últimos anos, Daniel K. L. Chua, presidente da Sociedade Internacional de Musicologia (*International Musicological Society – IMS*), tem defendido o conceito de *musicologia global*, repensando os rumos da área, em especial as diferentes musicologias em ação mundo afora e as conexões que estabelecem entre si. Para esta comunicação, foram identificadas as ações musicológicas desempenhadas por trinta pesquisadores e apresentadas em 29 publicações ligadas ao Simpósio Temático “Acervos Musicais Brasileiros” realizado em duas edições do Congresso da ANPPOM e, para, junto à proposta de Chua, pensar as subdivisões da disciplina. Como metodologia, foi empregado um estudo bibliográfico desta produção, à luz dos conceitos de *musicologia global*, de Daniel Chua, e *ação musicológica*, de Renato Borges. Os resultados alcançados apontam que uma análise das ações musicológicas já empregadas por pesquisadores em suas rotinas dá subsídios empíricos ao argumento de Chua sobre a transversalidade entre as subdivisões estabelecidas pelas teorias musicológicas para a disciplina. Busca-se, com esse texto, contribuir para as concepções teóricas da área e para a formação de novos musicólogos.

Palavras-chave. Musicologia; Musicologia global; Ações musicológica.

Using musicological actions to recognize the connections of Daniel K. L. Chua’s global musicology

Abstract. In the last years, Daniel K. L. Chua, president for the *International Musicological Society (IMS)*, has defended the concept of *global musicology*, rethinking the trajectories of the area, in special regard the different musicologies in action in the world and the connections established between them. For this paper, we identify musicological actions taken by thirty researchers and presented on 29 papers of the “Brazilian Musical Archives” thematic symposium that took place in two ANPPOM Conferences, to, along with Chua’s proposal, rethink the subdivisions of the discipline. As methodology, we employed a bibliographic study of these papers under the light of two concepts: *global musicology*, by Daniel Chua, and *musicological action*, by Renato Borges. Results show that an analysis of musicological actions that are already present on the research routines of musicologist present empirical basis for Chua’s argument about the transversality between the subdivisions established for the discipline by the musicological theories. With this paper, we seek to contribute with the discussions on the theoretical conceptions for the area and with the formation of new musicologists.

Keywords. Musicology; Global Musicology; Musicological actions.

1. Introdução

Na edição mais recente da *Acta Musicologica*, periódico da Sociedade Internacional de Musicologia (*International Musicological Society – IMS*), Daniel K. L. Chua (2022) defende

um conceito para musicologia global, definido a partir de dezesseis pontos-chave. O argumento de Chua já havia sido apresentado como uma conferência em janeiro, assim como vem permeando suas falas nas conferências da IMS desde 2017, e decorre de sua experiência nos últimos cinco anos como presidente da Sociedade nos últimos cinco anos.

O autor desmembra, inicialmente, a conceituação de musicologia global em suas duas metades: o que significaria “musicologia” e o que significaria “global”? Com a primeira, a fim de diminuir o efeito das conotações dadas à palavra, é bastante pontual e incisivo: “musico-logia é o estudo da música”¹ (CHUA, 2022, p. 115). Mais à frente, aponta que utiliza o termo para “cobrir toda a música em todas as diferentes maneiras em que pode ser estudada” (CHUA, 2022, p. 116).

Esse processo de “indefinição e redefinição” (utilizando suas palavras) que emprega à palavra “musicologia” deriva da concepção que assume para a palavra “global”, segundo tópico de sua proposta. A ideia de “global” seria distinta das ideias de “internacional” (que se efetiva se houver até mesmo apenas duas nações interagindo, sem qualquer necessidade da participação de outros) e de “mundo” (centrado na ideia de particulares desconectados e autossuficientes). Ao buscar o “global”, Chua prioriza a interconectividade entre todos os pontos do globo, reconhecendo em cada um deles os fluxos transculturais que os perpassam. Utilizando-se a si próprio como analogia em um exemplo, ilustra:

Eu trabalho em Hong Kong, um lugar muito pequeno de sete milhões de pessoas. Etnicamente, eu sou chinês; eu nasci na Malásia e vivi em Cingapura e nos Estados Unidos antes de ir morar no Reino Unido aos seis anos de idade. Eu fui educado no Ocidente e agora dou aula numa ex-colônia britânica, sob o controle da China; eu trabalho com música alemã e russa usando modelos teóricos da filosofia francesa e alemã e eu falei sobre musicologia global em inglês em três continentes para plateias que falavam francês, espanhol, russo e chinês. (CHUA, 2022, p. 121).

Para o autor, assim é a musicologia em cada lugar: atravessada por suas condições momentâneas de criação e existência, suas possibilidades, seus interesses e seus horizontes que transcendem a fragmentação dos *mundos*. Ao transpor essa noção global (no sentido geográfico) para a musicologia (agora no sentido epistemológico), o autor observa também na atividade acadêmica o atravessamento de fluxos transculturais. Desta maneira, afirma: a musicologia não tem como ser *uma só* e, na verdade, ela já tem sido muito mais plural, mundo afora, do que os modelos teóricos e os discursos têm pressuposto. Essas ideias são, então, sintetizadas por Chua em quatro de seus 16 pontos-chave:

1. A musicologia global é pluriforme; ela tem muitas portas e não tem chave-mestra.
[...]
8. A musicologia global é o estudo de toda a música em todo lugar, por qualquer via e todas as vias; ela explora a interconectividade de tudo.
9. A musicologia global, então, é uma questão de base que desafia a natureza sectária de nossas práticas acadêmicas; ela destaca o despedaçamento ontológico e epistemológico de nossa disciplina.
[...]
11. A musicologia global acontece para pessoas e já está aqui; se a musicologia deve ser global como disciplina, então ela deve tirar a defasagem de sua própria comunidade e refletir o globo. (CHUA, 2022, p. 111, 119, 125).

A indefinição e redefinição do termo musicologia, defendida por Chua, se dá num contexto em que as segmentações da disciplina foram formadas não são só por aspectos epistemológicos, mas também por embates de poder na academia. Como já argumentado por diversos estudiosos da teoria da musicologia (para citar cinco autores: DEMORE; MAGALHÃES-CASTRO, 2020; SCHULTZ, 2020; PIEDADE, 2010 e NATTIEZ, 2005), definições disciplinares estabelecem vínculo íntimo com dissensos pessoais e departamentais. Pesquisadores acabam por criar novos grupos, disciplinas, cátedras ou associações de pesquisa, que passam – fechando um ciclo – a fortalecer os dissensos que as originaram.

Contra a correnteza da fragmentação, os esforços de reunião entre as subdivisões da musicologia em uma única disciplina não são exatamente novos, pois ela já estava, por exemplo, nas falas de Claude Palisca em 1963 (COOK, 2006), Charles Seeger em 1961 (*apud* KERMAN, 1987, p. 225-226) e até mesmo no clássico quadro disciplinar de Guido Adler, em 1885 (ADLER, 1981 [1885]). No entanto, por interesses de pesquisadores consolidados, essas segmentações prevalecem sobre tais esforços. Na posição de presidente de uma sociedade musicológica que se propõe a reunir pesquisadores de todos os lugares, Chua busca ressaltar a existência de conexões entre as musicologias praticadas, a fim de que possam ser estabelecidos diálogos entre estas pessoas.

A partir deste contexto, ressalta-se que, apesar dos diferentes discursos existentes, se nota que, de fato, Chua está certo, pois verificamos que muito das práticas de pesquisa realizadas por investigadores das subdivisões da musicologia empregadas na academia é compartilhado de maneira transversal a elas. Por isso, propõe-se aqui observar um conjunto de ações musicológicas em pesquisas brasileiras recentes da área, destacando nelas esse caráter transversal em relação às fragmentações teóricas da musicologia. Foram analisadas 29 publicações ligadas ao Simpósio Temático “Acervos Musicais Brasileiros”, realizado em duas edições do Congresso da ANPPOM (em Manaus em 2018 e Pelotas em 2019), coordenado

nas duas ocasiões pelos professores Fernando Lacerda e Paulo Castagna. As publicações, como o título do simpósio sintetiza, foram geradas a partir de pesquisas a respeito de documentos específicos (partituras, livros, etc.) em acervos ou de acervos como um todo (bibliotecas, coleções, arquivos, etc.).

2. Ação musicológica

De caráter técnico, uma ação musicológica é uma “ação pontual realizada pelo pesquisador e necessária para dar seguimento à pesquisa musicológica que desenvolve” e pode se dar com objetos documentais ou situacionais de estudo (BORGES, 2019, p. 101-102; BORGES, 2021, p. 74-76). Parte das várias ações musicológicas realizadas em cada processo investigativo é mencionada explicitamente nas publicações de pesquisa, enquanto outra parte pode ser apenas inferida pela leitura feita. Naturalmente, algumas ações não aparecem nem em vestígios nas publicações – seja por uma decisão consciente ou não dos escritores.

Tomando como premissa que métodos e técnicas não são isentos de ideologias e interesses, mas sim intimamente ligados a eles, afirma-se que, da mesma maneira, as ações pelas quais elas se efetivam também não são neutras. Por essa razão, observar as ações musicológicas realizadas também não se resume a um exercício voltado unicamente a um lado mecânico do trabalho de pesquisa. As diversas maneiras e fins com que elas são realizadas nos ajudam a pensar a trajetória e estado da musicologia, assim como os discursos a respeito dela e a formação de novos pesquisadores. Mais importante aqui, no entanto, é utilizar este olhar sobre as ações musicológicas para pensar transversalidades existentes entre as segmentações da musicologia vigentes no Brasil.

3. Resultados e discussão

Dentre as 29 comunicações analisadas, foram identificadas noventa ações musicológicas, desempenhadas pelos trinta pesquisadores envolvidos. Destas, destacamos inicialmente um grupo de ações ligadas às visitas presenciais feitas pelos musicólogos, declaradas explicitamente em nove comunicações (CARAVEO, 2018; CARAVEO; CHADA, 2019; DUARTE, 2018a, 2019b; EUFRÁSIO, 2018; MACEDO, 2019; MORIM, 2019; RABELO; ROCHA, 2018).

Como exemplos de declarações de visitas a acervo institucionais, podemos citar trechos dos relatos de Duarte (2018a) e Rabelo e Rocha (2018). O primeiro perpassa a trajetória de pesquisa rumo a um invólucro apropriado para documentos salvaguardados na

região amazônica, enquanto o segundo aponta a organização do material encontrado. Ambos os textos são explícitos ao mencionarem as visitas:

Para responder a tais questões, foi empreendida pesquisa bibliográfica em manuais e documentação técnica sobre conservação de documentos, e pesquisa de campo em várias entidades custodiadoras de fontes musicais no Brasil, dentre as quais, o Museu da Música de Mariana, arquivos públicos dos estados do Maranhão e Alagoas, e a Biblioteca do Museu da UFPA. Foram visitadas ainda instituições destinadas ao recolhimento e difusão de documentação administrativa em suporte de papel, tais como o Arquivo Público do Pará e Arquivo da Assembleia Legislativa do Pará. (DUARTE, 2018a, p. 2, grifos nossos).

Em visita técnica ao arquivo foi possível consultar alguns manuscritos que já se encontram seguindo uma espécie de organização, embora ainda não haja uma inventariação dos mesmos. (RABELO; ROCHA, 2018, p. 2, grifos nossos).

Além destes dois relatos, Duarte (2019a), Macedo (2019) e Morim (2019) também mencionam textualmente visitas a acervos institucionais, respectivamente, ao acervo da Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto” de Vigia (PA); ao Acervo Musical da Banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro e ao Acervo de Manuscritos Musicais da Biblioteca Alberto Nepomuceno da Escola de Música da UFRJ; e ao Arquivo da Orquestra Sinfônica de Santa Maria. Adicionalmente, destacam-se as visitas a acervos institucionais nos textos de Castagna (2019), Coelho (2018), Duarte (2018b, 2018c, 2019b), Rossbach (2018), Severino e Fonseca (2018), que podem ser inferidas a partir do relatos feitos. Em relação a outras publicações, naturalmente, por se tratarem de comunicações deste Simpósio Temático, é possível argumentar que as respectivas pesquisas também envolveram, em algum ponto, visitas a acervos, exceto em pesquisas em que documentos foram diretamente recebidos pelos pesquisadores, em que os acervos não existem ou em que se acessam documentos por meios virtuais.

A visita presencial a acervos, sobretudo aqueles institucionais, talvez seja a ação mais icônica da vertente musicológica que dá atenção aos documentos. No entanto, a impressão de que tipo de trabalho é impessoal é, conforme lemos os relatos, pouco desconstruído, abrindo espaço para visualizarmos contatos mais diretos entre pessoas. Por exemplo, três comunicações (CARAVEO, 2018; EUFRÁSIO, 2018; CARAVEO, CHADA, 2019) narram visitas a acervos particulares ou familiares. Eufrásio lidou com quatro fundos arquivísticos de Formiga (MG), sendo um deles a biblioteca pessoal do maestro e professor Gibran Zorkot, “um senhor bastante respeitado e tido como uma das principais referências musicais não só na cidade mas em boa parte da região” (EUFRÁSIO, 2018, p. 4).

Já Caraveo, nas duas publicações (primeiro, sozinho e, depois, junto a Chada), relata a pesquisa sobre Mestre Vieira, em que o acervo pessoal do músico tem papel fundamental. Mais uma vez, a visita aparece explicitamente no texto: “Em visita ao acervo pessoal do Mestre constatamos documentos importantes que auxiliam a compreensão da sua prática musical e elucidam questões importantes referentes ao seu percurso.” (CARAVEO; CHADA, 2019, p. 7, grifos nossos). No texto do ano anterior, a afirmação aberta da visita tinha sido feita de outra maneira, ao comentar as fotografias publicadas: “As imagens que serão expostas a seguir são documentos importantes para o reconhecimento do feito de Vieira e da cultura local e foram conseguidas recentemente em visita a casa onde residiu Mestre Vieira com o consentimento de seu filho Waldecir Vieira.” (CARAVEO, 2018, p. 6, grifos nossos).

A situação apresentada pelas duas pesquisas, em Minas Gerais e no Pará, é distinta daquelas que lidam com acervos institucionais (em especial, aqueles públicos), porque, no caso de acervos pessoais, o contato interpessoal define de maneira muito mais direta a possibilidade de acesso ao material salvaguardado, o tempo e a liberdade de seu manuseio e a perspectiva de visitas futuras ao local.

Muitas vezes sem visibilidade e sem inventários ou catálogos, esses acervos dependem de um trato pessoal muito bem estabelecido para se tornarem acessíveis. Um bom contato também pode abrir portas em outros lugares, além do próprio material pelo qual a pessoa se põe responsável. Para a pesquisa de Eufrásio, por exemplo, o contato com Zorkot não foi essencial somente para a consulta de seu acervo, mas também para lhe garantir a indicação do caminho para localizar os principais fundos de documentos musicais existentes em Formiga. Isto fica explícito quando o pesquisador comenta que “os principais fundos de documentos musicais existentes em Formiga foram localizados por intermédio do maestro e professor Gibran Mohamad Zorkot” (EUFRÁSIO, 2018, p. 4).

Em pesquisa lidando com diversos acervos na região amazônica, Duarte aponta a importância da contextualização da constituição de um acervo oferecida pelo seu próprio dono: “Conhecer tais processos de incorporação ao acervo demandou, contudo, a narrativa de [Frei Fulgêncio] Monacelli, enquanto o autor deste trabalho organizava seu acervo [pessoal].” (DUARTE, 2019b, p. 6). As informações enfocaram o processo formativo do acervo, a partir da incorporação de fontes por recolhimento ou doação.

Passando dos acervos pessoais para falar de acervos institucionais, destaca-se a pesquisa de Morim (2019), que objetivou reconstruir a trajetória do Arquivo da Orquestra Sinfônica de Santa Maria. Lidando em um ambiente altamente institucionalizado, para compreender os documentos e o histórico organizacional do arquivo, se reuniu com

arquivistas do Departamento de Arquivo Permanente da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e conversou com “servidores, ex-bolsistas, direção e alunos atuantes na orquestra” no período estudado (MORIM, 2019, p. 3). A autora é muito direta ao declarar: “Propicie reuniões com arquivistas do Departamento de Arquivo Permanente da UFSM e direção da orquestra no início do mês de julho de 2017.” (MORIM, 2019, p. 3).

O texto de Coelho e Velloso (2019) junto à Discoteca L. C. Vinholes, mantida pelo Laboratório de Etnomusicologia da UFPel, no prédio de seu Centro de Artes, também envolve proximidade com profissionais responsáveis por acervos. Isso fica claro quando mencionam os Prof. Dr. Mario Maia e Fátima Maia, criadores de um sistema de catalogação e registro do acervo (COELHO; VELLOSO, 2019, p. 4-5).

Por fim, destaca-se o trabalho de Fernando Duarte junto ao acervo do Hospital Beneficente Portuguesaⁱⁱ em Belém (DUARTE, 2018b). A comunicação publicada não menciona que o acesso aos documentos foi conseguido devido a seu contato com o capelão do hospital, padre Ivan Chudzik (embora ainda seja uma possibilidade do que aconteceu), mas aponta o convite do capelão para, mais tarde, tocar harmônio nas práticas musicais que também envolviam peças que foram digitalizadas, organizadas e inventariadas por Duarte. Nesse caso, um bom contato entre os dois se materializou não só no âmbito musicológico como musical.

Outras ações musicológicas que envolvem contato pessoal e acervo, identificadas nas pesquisas examinadas, foram: realização de entrevistas com sujeitos de pesquisa, elaboração de projetos em conjunto com sujeitos de pesquisa ou com outros projetos, intermediações por agente local de acesso a acervos e consultas a compositores e instrumentistas (BENETTI, 2018; COELHO, 2018; MORAIS; FARIAS, 2019; NASCIMENTO; RABELO, 2019; RABELO; ROCHA, 2018; ROCHA; RESENDE, 2019).

As diversas formas com que as relações interpessoais permeiam as práticas de pesquisa em acervos demonstram que são simplórias as concepções estanques que defendam, por exemplo, que a musicologia em acervos lida apenas com objetos e que o contato humano nas pesquisas seria uma exclusividade, por exemplo, da etnomusicologia. As relações interpessoais têm um papel fundamental na contextualização, no acesso e no trabalho dos acervos documentais. Em suma, são essenciais para melhor compreensão e no posterior uso dos acervos.

Da mesma maneira, diversas ações musicológicas identificadas também se entrelaçam com o que comumente atribuímos à subárea de análise e teoria musical, sobretudo no estudo dos aspectos notacionais e/ou sonoros dos diversos materiais encontrados nos

acervos, por exemplo, na identificação de repertório, de marcas de uso, de instrumentação, de estilo, de *incipits* e de temas, assim como na comparação de cópias, versões e manuscritos, em suas diferenças. Tais ações foram identificadas em dezoito comunicações do *corpus* analisado (CASTAGNA, 2018; COELHO, 2018; DUARTE, 2018b, 2018c, 2019b; EUFRÁSIO, 2018; GONÇALVES, 2018; MACEDO, 2019; MARQUES; FERREIRA; CASTAGNA, 2018; MORIM, 2019; NASCIMENTO; RABELO, 2019; RABELO; ROCHA, 2018; ROCHA; RESENDE, 2019; ROSSBACH, 2018; SEVERINO; FONSECA, 2018; SILVA, 2018; TAFFARELLO, 2018, 2019).

Entre as publicações examinadas, também são identificadas ações de pesquisa mais amplas do que a Musicologia, a área de Letras, Linguística e Artes ou a área de Ciências Humanas Aplicadas. Nesse grupo de ações, estão tarefas como construções de referenciais teóricos, discussões conceituais e metodológicas, levantamentos de referências, contextualizações de aspectos da pesquisa, formalizações de projetos e grupos, processos de documentação (sobretudo por meio de fotografias), criações de fichas de dados e preparações textuais dos resultados de pesquisa. Numa potencial análise mais aprofundada dessas ações em especial, disseminadas em diferentes áreas de pesquisa, mais interessaria não a identificação de uma ação específica da musicologia, naturalmente, mas sim os interesses e as maneiras com que o campo as coloca em prática e as ferramentas que têm à disposição para realizá-las.

4. Considerações finais

A análise das ações musicológicas empregadas nas pesquisas levantadas aponta que, no âmbito estudado, o argumento de Chua de que já há uma transversalidade entre as divisões apontadas pelas teorias musicológicas é verdadeiro. Quando se observa o dia a dia do trabalho de pesquisa musicológica, nota-se que, do ponto de vista técnico, existem muitas ações comuns às suas diferentes vertentes teóricas, seja nas etapas de reunião, produção e análise de dados (no trato com documentos e com interlocutores e na observação e na documentação), seja na etapa posterior, de compartilhamento das conclusões alcançadas. Esta observação é especialmente importante no âmbito da formação de novos musicólogos, pois, no início da trajetória de pesquisa, tais segmentações teóricas demasiadamente marcadas acabam por afastá-los de discussões que são não só importantes, mas essenciais para os trabalhos que virão a conduzir. Dessa maneira, se determinada ação pode ajudar um pesquisador a melhor compreender seu objeto de estudo, ele já terá familiaridade com suas possibilidades, suas condições e suas limitações, identificadas nos usos feitos por pesquisadores de qualquer

subárea da pesquisa na área de Música. Como visto, uma análise das ações musicológicas – ou seja, do que é de fato feito pelos pesquisadores em seu dia a dia – é uma ferramenta capaz dar subsídios empíricos às tarefas de indefinir e redefinir a musicologia, como Daniel Chua propõe, destacando os trânsitos musicológicos entre diferentes iniciativas de pesquisa Brasil afora.

Referências

- ADLER, Guido. The Scope, Method, and Aim of Musicology. Trad. Erica Mugglestone. *Yearbook for Traditional Music*, vol. 13, 1981 [1885], p. 5-18. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/768355>. Acesso em: 27 ago. 2021.
- BENETTI, Gustavo Frosi. Sobre acervos musicais em Roraima: situação atual e iniciativas para o estabelecimento de um guia. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 28., 2018, Manaus. *Anais...* Manaus: ANPPOM, 2018.
- BORGES, Renato Pereira Torres. *Repertório musicológico: conceituação e aplicações contemporâneas na pesquisa em música no Brasil*. 2019. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. 2019.
- BORGES, Renato Pereira Torres. Conceitos para falar de pesquisa na área de Música. *Debates*, n. 25, p.72-87, dez. 2021, p. 72-87.
- CARAVEO, Saulo Christ. História e memória: por uma proposta de organização do acervo de Mestre Vieira. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 28., 2018, Manaus. *Anais...* Manaus: ANPPOM, 2018.
- CARAVEO, Saulo Christ; CHADA, Sônia. Acervo, Etnografia da Prática Musical e História Oral – um cruzamento de dados revelador. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 29., 2019, Pelotas. *Anais...* Pelotas: ANPPOM, 2019.
- CASTAGNA, Paulo. O ‘jogo de partes’ como unidade alternativa de arquivamento e descrição em acervos musicais. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 28., 2018, Manaus. *Anais...* Manaus: ANPPOM, 2018.
- CHUA, Daniel K. L. Global Musicology: A Keynote without a Key. *Acta Musicologica*, vol. 94, n. 1, 2022, p. 109-126.
- COELHO, Lucas de Lima. Aquisições de acervos de orquestras: o caso das partituras da Orquestra de Cordas e Academia Coral do Angelicum do Brasil. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 28., 2018, Manaus. *Anais...* Manaus: ANPPOM, 2018.
- COELHO, Luís Fernando Hering; VELLOSO, Rafael Henrique Soares. O acervo da Discoteca L. C. Vinholes, do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas: música gravada e identidades no extremo sul do Brasil. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 29., 2019, Pelotas. *Anais...* Pelotas: ANPPOM, 2019.

COOK, Nicholas. Agora somos todos (etno)musicólogos. Trad.: Pablo Sotuyo Blanco. *Ictus*, n. 7, 2006, p. 7-32.

DEMORE, Givas; MAGALHÃES-CASTRO, Beatriz. Musicologia e pós-disciplinaridade: da musicologia comparada à etnomusicologia. *ICTUS*, v. 14, p. 43-64, 2020.

DUARTE, Fernando Lacerda Simões. Em busca de autonomias locais: o desenvolvimento de invólucros para acondicionamento de fontes musicais na região amazônica. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 28., 2018, Manaus. *Anais...* Manaus: ANPPOM, 2018a.

DUARTE, Fernando Lacerda Simões. Resgatando a função social de documentos musicográficos: o retorno de fontes à fase corrente a partir das atividades de gestão do acervo musical da capela do Hospital Beneficente Portuguesa em Belém – Pará. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 28., 2018, Manaus. *Anais...* Manaus: ANPPOM, 2018b.

DUARTE, Fernando Lacerda Simões. Restauração musical católica e a presença redentorista em fontes musicais recolhidas ao Acervo Municipal Newton Corrêa na cidade de Curvelo-MG. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 28., 2018, Manaus. *Anais...* Manaus: ANPPOM, 2018c.

DUARTE, Fernando Lacerda Simões. Fontes de música religiosa no acervo da Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto” de Vigia, no Pará: um estudo exploratório em busca de contextos e conexões. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 29., 2019, Pelotas. *Anais...* Pelotas: ANPPOM, 2019a.

DUARTE, Fernando Lacerda Simões. Princípios arquivísticos, características dos documentos de arquivo e as particularidades dos acervos musicais: (des)caminhos do estudo das práticas musicais a partir de documentos musicográficos observados em arquivos e coleções da região amazônica. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 29., 2019, Pelotas. *Anais...* Pelotas: ANPPOM, 2019b.

EUFRÁSIO, Vinícius. Música na Princesa D’Oeste de Minas Gerais: possibilidades de pesquisas musicológicas em fundos arquivísticos localizados em Formiga. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 28., 2018, Manaus. *Anais...* Manaus: ANPPOM, 2018.

GONÇALVES, Inez Beatriz de Castro Martins. O arquivo de partituras da banda de música da Polícia Militar do Ceará (1897-1932). In: CONGRESSO DA ANPPOM, 28., 2018, Manaus. *Anais...* Manaus: ANPPOM, 2018.

KERMAN, Joseph. *Musicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

MACEDO, Vinicius. Os primeiros manuscritos brasileiros para conjuntos de saxofones de Francisco Braga: a possível origem de uma prática musical na Belle-Époque do Rio de Janeiro. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 29., 2019, Pelotas. *Anais...* Pelotas: ANPPOM, 2019.

MARQUES, Wheldson Rodrigues; FERREIRA, Daniela Maria; CASTAGNA, Paulo Augusto. Jaime Diniz e suas atribuições a Luís Álvares Pinto: a construção de uma identidade de protagonismo à luz das práticas musicológicas de seu tempo. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 28., 2018, Manaus. *Anais...* Manaus: ANPPOM, 2018.

MORAIS, Ricardo Félix de; FARIAS, Ranilson Bezerra de. O repertório brasileiro para trombone solo (sem acompanhamento) dos séculos XX e XXI: dados de um levantamento em andamento. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 29., 2019, Pelotas. *Anais... Pelotas*: ANPPOM, 2019.

MORIM, Aline Lucas Guterres. Arquivo da Orquestra Sinfônica de Santa Maria: uma breve descrição do seu histórico organizacional. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 29., 2019, Pelotas. *Anais... Pelotas*: ANPPOM, 2019.

NASCIMENTO, Simonne; RABELO, Romeu. A elaboração de livros-partituras para as cerimônias dos Ofícios de Trevas da Semana Santa em São João del-Rei (MG). In: CONGRESSO DA ANPPOM, 29., 2019, Pelotas. *Anais... Pelotas*: ANPPOM, 2019.

NATTIEZ, Jean-Jacques. O desconforto da musicologia. *Per Musi*, Belo Horizonte, n.11, 2005, p. 5-18.

PIEIDADE, Acácio Tadeu de Camargo. Algumas questões da pesquisa em etnomusicologia. In: FREIRE, Vanda Bellard (org.). *Horizonte da pesquisa em música*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010, p. 63-81.

RABELO, Thais; ROCHA, Edite. A Música Sacra na Filarmônica Nossa Senhora da Conceição de Itabaiana (SE). In: CONGRESSO DA ANPPOM, 28., 2018, Manaus. *Anais... Manaus*: ANPPOM, 2018.

ROCHA, Edilson Assunção; RESENDE, Tássio Tulio Mendes de. Copistas de manuscritos musicais, constantes no arquivo de música sacra da Lira Imaculada Conceição, de São Tiago, MG: pesquisa em fontes primárias. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 29., 2019, Pelotas. *Anais... Pelotas*: ANPPOM, 2019.

ROSSBACH, Roberto Fabiano. Catálogos de obras e fontes musicais no Brasil: revisão bibliográfica e algumas considerações. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 28., 2018, Manaus. *Anais... Manaus*: ANPPOM, 2018.

SCHULTZ, Anna. Still an Ethnomusicologist (for Now). *Journal of Musicology*, vol. 37, i. 1, 2020, p. 39-50. Disponível em: <https://online.ucpress.edu/jm/article/37/1/39/107043/Still-an-Ethnomusicologist-for-Now>. Acesso em: 27 ago. 2021.

SEVERINO, Jéssica Aparecida; FONSECA, Modesto Flávio Chagas. José Alves da Trindade: análise primária de suas cópias em arquivos musicais mineiros sob a ótica da diplomática. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 28., 2018, Manaus. *Anais... Manaus*: ANPPOM, 2018.

SILVA, Rodrigo Alves da. Datando música impressa: um exercício a partir de documentos musicais do acervo Balthasar de Freitas. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 28., 2018, Manaus. *Anais... Manaus*: ANPPOM, 2018.

TAFFARELLO, Tadeu Moraes. Overture Noite de São Paulo de Dinorá de Carvalho: notas para uma edição. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 28., 2018, Manaus. *Anais... Manaus*: ANPPOM, 2018.



TAFFARELLO, Tadeu Moraes. Reconstituição de “Interlúdio”, quarto movimento do Salmo XXII – O Bom Pastor de Dinorá de Carvalho. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 29., 2019, Pelotas. *Anais...* Pelotas: ANPPOM, 2019.

ⁱ Todas as traduções são nossas.

ⁱⁱ Conforme afirma Duarte (2018b, p. 8): “Esta nomenclatura é corrente na cidade de Belém, sendo inclusive utilizada no sítio eletrônico do hospital, e se refere ao Hospital Dom Luiz I da Benemérita Sociedade Portuguesa Beneficente do Pará.”

